



CURTIR, COMPARTILHAR E COMENTAR: OS DISCURSOS POSTADOS NO FACEBOOK SOBRE OS DIVERSOS TIPOS DE FAMÍLIA E AS POSSIBILIDADES DE USO PEDAGÓGICO¹

Amanda Nunes Pereira Santos
amandanunes-1@hotmail.com

Anara Nunes Pereira
anaranunes@hotmail.com

Laize Helena Alves da Silva Santos
laizehelena73@hotmail.com

Orientadora: Prof^a Dr^a Rita Cristiana Barbosa
rcrisbarbosa@gmail.com

RESUMO: Este artigo destina-se a discutir mensagens curtidas, comentadas e/ou compartilhadas no facebook referente à formação dos diversos tipos de família e as suas possibilidades de uso pedagógico na sala de aula. Para tanto, fizemos uso da abordagem qualitativa e uma pesquisa do tipo descritiva. Contamos as curtidas de mensagens polêmicas, comentários e o seus compartilhamentos por pessoas dos dois sexos em algumas mensagens. Os fatos foram observados, registrados, analisados, narrados, classificados e interpretados. O tratamento e a análise dos dados foram feitos com base na análise textual discursiva. O campo de pesquisa foi à rede social Facebook, com dados de domínio público, sendo os sujeitos não identificados. Muitos temas tomam grandes repercussões nas redes sociais, neste artigo nos propomos a discutir as opiniões contrárias do(a)s internautas sobre os diversos tipos de formação de família, além das suas possibilidades de recursos pedagógicos a luz de estudioso(a)s e leis citadas no texto e nas referencias deste trabalho.

Palavras-chave: Facebook. Tipos de Família. Preconceito. Estratégias pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

As redes sociais, cada vez mais, fazem parte do nosso cotidiano. Segundo relatórios publicados na folha de São Paulo, disponibilizados pelo facebook, do primeiro trimestre de 2015, a rede social confirmou que tem 1,4 bilhão de usuários ativos no mundo, o que a transforma na maior rede de comunicação pela internet.

Diante deste gigantesco contingente de usuários, fica fácil compreender porque determinados temas rapidamente ganham uma grande repercussão. Basta um usuário postar algo polêmico, mesmo sem a intenção de torná-lo ou sem consciência de o ser, que em questão de segundos há um número espantoso de curtidas, compartilhamentos e comentários, gerando reflexão e debate. Isto nos parece maravilhoso, pois estamos diante de uma ferramenta que conecta o mundo todo e possibilita integração social, construção e partilha de conhecimentos. Porém nem tudo são flores, o facebook é usado com frequência para a

transmissão de discursos de ódio, discriminação e preconceito, pois muitas pessoas confundem liberdade de expressão com incitação ao ódio. Esta prática tem sido vista com assiduidade pelas pessoas que usam a rede, apesar de a própria rede social condenar tal prática em sua política de uso².

Durante o curso de especialização Gênero e Diversidade na Escola (GDE), promovido pelo Ministério da Educação (MEC) e pela secretaria de política para mulheres (SPM), ofertado pelo Núcleo interdisciplinar de Pesquisa e ação sobre Mulheres e relações de sexo e gênero (NIPAM), através da UFPB virtual, a temática sobre a formação de famílias homossexuais sempre me chamou a atenção, pois admiro os casais de gays e de lésbicas que adotam e cuidam de crianças, muitas vezes abandonadas pelos pais biológicos de padrão heteronormativo sem o mínimo de dignidade.

Cuidar de uma criança é um ato de amor que envolve responsabilidade e dedicação. Por muitas vezes já li comentários maldosos sobre a adoção de crianças por casais gays, inclusive na minha própria página do facebook, onde costumo postar imagens que defendem a adoção e a formação de família independente do padrão ou constituição. Este ato me chamou a atenção, pois diante do meu próprio círculo de amigo(a)s, percebi pessoas intolerantes a esta prática dentre outras, até cruéis. Assim surgiram as indagações: como as pessoas veem a adoção de crianças por casais gays e a formação de novas estruturas de famílias? Será que em nossos comentários estamos contribuindo para um discurso de ódio ou estamos apenas usando a liberdade de expressão? Até que ponto a rede social influencia ou não na opinião das pessoas e o seu discurso? Como podemos usar estas postagens em sala de aula e ter como aliadas pedagógicas com o fim de tentar diminuir o preconceito e a intolerância?

Diante da oportunidade de escrever este trabalho, me propus a desenvolver uma pesquisa que busque compreender opiniões e responder estas indagações, analisando postagens selecionadas em páginas do facebook referente à formação de famílias com o intuito de coletar comentários acerca da temática, tentando verificar as opiniões contra e a favor da formação de casais por pessoas do mesmo sexo, contabilizando-as por sexo suas curtidas, compartilhamentos e opiniões.

Além de analisar as imagens mais comentadas e apresentar os resultados da pesquisa para que possivelmente possa servir como um estudo inicial para pesquisadore(a)s, estudioso(a)s e/ou curioso(a)s da temática em questão, que poderão ter neste estudo um material inicial para o desenvolvimento de novas pesquisas; além de ser um material que provavelmente poderá servir de base para educadore(a)s que diante desta nova era digital poderão ter embasamentos iniciais de como trabalhar a temática em sala de aula, orientando seus(as) aluno(a)s sobre gênero, diversidade e educação, a fim de tentar diminuir os preconceitos, discursos de ódio e intolerância que vemos com frequência nas redes sociais, formando, ao contrário, cidadãos e cidadãs tolerantes e que respeitem a diversidade; estamos contribuindo para um mundo mais justo, mais respeitoso e mais tolerante.

² Ver <https://www.facebook.com/policies/>

Para tanto, o artigo está dividido em tópicos. Primeiro temos a abordagem metodológica onde está descrito como foi o percurso da pesquisa; em seguida o referencial teórico que traz embasamento de autores e autoras para o desenvolvimento do tema; logo após os resultados e discussão dos dados onde analisamos as postagens selecionadas junto com proposituras sobre como usá-las enquanto possibilidades pedagógicas; e, por fim, as considerações finais.

2 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

2.1 O caminho da pesquisa

Buscamos apresentar neste tópico o processo metodológico que foi utilizado para a elaboração desta pesquisa, mostrando o tipo de pesquisa e seu cenário.

Com relação à abordagem do problema, esta pesquisa classifica-se como qualitativa, pois como afirma Minayo e Sanches (1993), sobre a importância do confronto da fala e da prática social na investigação qualitativa, uma análise qualitativa completa interpreta o conteúdo dos discursos ou da fala cotidiana dentro de um quadro de referência, onde a ação e a ação objetivada nas instituições permitem ultrapassar a mensagem manifesta e atingir os significados latentes.

A pesquisa contou com o recurso quantitativo de contagem da quantidade de curtidas e compartilhamentos de postagens consideradas polêmicas e comentários por sexo. Entretanto, a análise foi subjetiva, o que confere o caráter qualitativo de fazer pesquisa.

Com relação aos objetivos, a mesma foi descritiva, pois fatos foram observados, registrados, analisados, narrados, classificados e interpretados. Os procedimentos de coleta de dados utilizados foram: observação participante e conversas informais, questionamentos surgidos à medida que os comentários eram feitos num período que durou de agosto a outubro do ano de 2015.

O campo de pesquisa foi à rede social digital facebook, sendo várias páginas públicas visitadas e a minha própria página na rede. Os sujeitos são usuário(a)s da rede social escolhido(a)s de forma aleatória que curtam, compartilhem ou comentem postagens de domínio público referentes à formação de diversos tipos de família. Todos os sujeitos têm suas identidades resguardadas.

Optamos por selecionar e discutir seis comentários retirados a partir de postagens no facebook de pessoas com faixa etária provável entre 18 e 40 anos, três mulheres e três homens que identificamos com os códigos M1, M2 e M3 para as mulheres e H1, H2 e H3 para os homens. As postagens têm datas variadas,



entre os anos de 2014 e 2015. As postagens e comentários estão tal como foram exibidos, por isso apresenta erros gramaticais e outros sem correção.

O tratamento e a análise de dados foram feitos com base na análise textual discursiva que de acordo com Moraes e Galiazzi (2007 p. 118) é descrita como “um processo que se inicia com uma unitarização em que os textos são separados em unidades de significado. Estas unidades por si mesmas podem gerar outros conjuntos de unidades oriundas da interlocução empírica, da interlocução teórica e das interpretações feitas pelo pesquisador.” Portanto, alguns textos retirados de comentários do facebook foram tratados no trabalho na íntegra, outros foram abordados em unidades menores que correspondiam com a temática em questão. Seguindo a perspectiva apresentada por Moraes e Galiazzi 2007, temos nos resultados três categorias que se apresentam no texto através da discussão dos comentários, as categorias são as seguintes: 1 - intolerância com gays e lésbicas, 2 - desconhecimento e não aceitação de famílias formadas por casais homoafetivos e 3 - aspectos da criação de filhos e filhas adotado(a)s. Essas três categorias geraram dois eixos temáticos que são apresentados nos resultados através de subtítulo e são os seguintes: 1 - Discursos contrários à homossexualidade e à formação de famílias por pessoas do mesmo sexo 2 - Quando a desinformação gera preconceito: a criação de filhos e filhas por casais homoafetivos.

2.2 Referencial teórico

2.2.1 As redes sociais e a sua influência na sociedade e na educação

Os sites de redes sociais cada vez mais se tornam atrativas e envolvem um grande número de pessoas. De acordo com Hardagh (2009, p. 34), “as redes sociais demonstram uma necessidade humana anterior à internet. Os desejos de estar junto, compartilhar e colaborar são inatos do homem e da mulher, apenas foram maximizados pelo advento da internet, com surgimento de novos espaços de interação social.” Diante disso, as pessoas procuram cada vez mais as redes sociais com o fim de se aproximar, comunicar-se com outras que sentem afinidade, demonstrar sentimentos, compartilhar novidades, expor suas opiniões sobre determinados assuntos, repassar informações etc.

De acordo com Bezerra e Brito (2015, p. 4)

O Facebook é uma das redes sociais que mais cresce no mundo. Criado em Fevereiro de 2004, pelo universitário Mark Zuckerberg, tinha como principal objetivo ser um espaço de conexão entre os estudantes da universidade de Harvard. Devido ao enorme sucesso entre os universitários daquela instituição, rapidamente se expandiu para outros estados norteamericanos até ser a rede social mais acessada no mundo. De acordo com dados fornecidos pelo Facebook, mais de 75% dos usuários da rede estão fora dos Estados Unidos e há mais de 70 idiomas disponíveis no site.

Por ser uma rede que abrange milhões de pessoas e em meio à correria do dia a dia, o facebook acaba sendo “a válvula de escape” de muitas pessoas, pois através dela descarregam diversos sentimentos. Mas é aí





que mora o perigo, será que neste descarregamento não estão atacando alguém? Usar dos chamados “senso de humor” em questões sérias como forma de relaxar a tensão diária não está sendo desrespeitoso ou discriminatório? Pouca gente sabe, mas ofender a imagem de alguém em redes sociais é crime. De acordo com Camus e Urbano (2013, p. 2):

Tanto a pessoa que publicou e os que curtiram a publicação no Facebook podem ser indiciados em crimes enquadrados nas leis penais atuais e que novos tipos penais estão sendo criados a partir de condutas delituosas que não existiam antes, e como exemplo, temos a Lei Carolina Dieckmann.

A lei 12.737 de 2012, a chamada lei “Carolina Dieckmann”, que, entre outras coisas, torna crime a invasão de aparelhos eletrônicos para obtenção de dados particulares, foi criada há três anos após a atriz Carolina Dieckmann ter sido vítima da exposição de fotos íntimas que foram retiradas de sua câmera fotográfica sem a sua permissão. Portanto, deve-se ter cuidado com o que se posta, se curte, compartilha e/ou se comenta na internet, pois se pode estar cometendo um crime virtual. Mas será que todas as pessoas compreendem isto?

Diante de fatos onde a rede social influencia a sociedade, tanto em aspectos positivos, como por exemplo, em correntes solidárias, informações de utilidade pública, etc., como em aspectos negativos, como em discursos de ódio e transmissão de preconceitos e violência verbal, percebemos a importância da escola, e da educação em geral, para atentar em preparar cidadãos e cidadãs que respeitem as leis e convivam em harmonia, tolerância e respeito. Pois, temos na escola um espaço onde podemos ajudar crianças, jovens e pessoas adultas e idosas a tornarem-se usuário(a)s de redes sociais conscientes do que é certo ou não, e responsáveis por aquilo que postam, curtem, compartilham e/ou comentam. Cabe, nesse caso, ao(a) educador(a) se envolver nesta nova era digital e usar a internet ao favor do crescimento do(a)s estudantes, que é papel fundamental da educação. Nesta perspectiva e voltando o olhar para o foco desta pesquisa o(a) educador(a), pode usar a temática da formação dos diversos tipos de famílias para ajudar o(a)s educando(a)s a respeitarem esse direito de opção de cada pessoa.

2.2.2 Os diversos tipos de formações familiares

De acordo com Hintz (2001, p. 8) “a família pós-moderna, sem dúvida, modificou-se, assumindo novos padrões familiares”, e é verdade que atualmente a família vem assumindo novos padrões e formatos e cabe a nós acompanhar e respeitar essa evolução.

Segundo Vaitsman (1994, p. 36), “...o que caracteriza a família numa situação pós-moderna é justamente a inexistência de um modelo dominante, seja no que diz respeito às práticas, seja enquanto um discurso normatizador das práticas”. Já que não temos um modelo dominante de família, é inaceitável críticas e ofensas à formação de famílias independente da sua constituição.





Dentre os diversos tipos de família de acordo com Hintz (2001) temos as seguintes:

- Família monoparentais - formada unicamente por pais ou mães;
- Família reconstituída - são aquelas famílias que por motivos diversos se separam da sua família anterior e construíram uma nova, neste modelo geralmente existem filho(a)s da família passada.
- Famílias por uniões consensuais – formadas por casais que preferem não formalizar a união;
- Família sem filhos por opção;
- Famílias unipessoais - formadas por pessoas que decidem viver sua vida sem nenhuma outra(o) companheira(o);
- Famílias por associação - compostas por amigo(a)s sem grau de parentesco; pessoas que vivem sem manterem relacionamento sexual, não têm filhos, reúnem-se para manter um convívio amistoso. Festejam e ajudam-se mutuamente.
- Famílias formadas por homossexuais - configuração familiar bastante polêmica. Um casal de gays ou lésbicas, ao assumirem uma relação estável, em princípio, passa por processo semelhante ao da formação que um casal heterossexual.

Diante deste mapeamento dos tipos de constituição familiar atuais, buscamos analisar fotos, frases, postagens no facebook que criticam tais processos de formação dos diversos tipos de família, entretanto, antes disto vale ressaltar que no ano de 2015 o congresso Nacional brasileiro aprovou projeto de lei sobre o Estatuto da Família (PL 6583/13), que de acordo com o site oficial da Câmara dos deputados Brasileiros o PL, que é de autoria do deputado Anderson Ferreira (PR-PE), define família como “núcleo formado a partir da união entre homem e mulher, por meio de casamento, união estável ou comunidade formada pelos pais e seus descendentes”. Esse conceito deixa de fora uniões correntes na sociedade ou que já foram reconhecidas pela Justiça como a de pessoas do mesmo sexo. Este texto provocou revolução nas redes sociais, pessoas contrárias e a favor manifestaram suas diversas opiniões.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

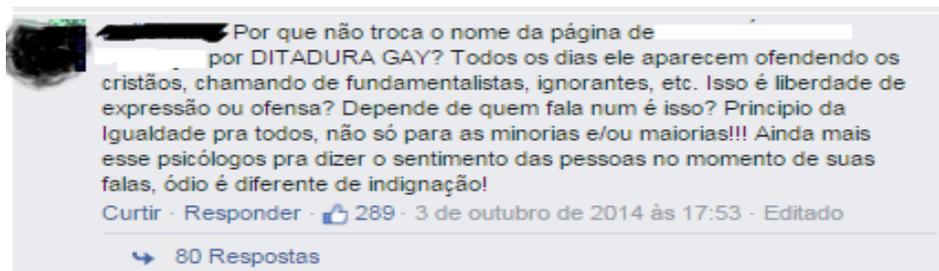
3.1. Discursos contrários à homossexualidade e à formação de famílias por pessoas do mesmo sexo

Ao realizar a pesquisa nas linhas do tempo³ do facebook encontramos uma foto, defendendo as famílias formadas por dois homens ou duas mulheres e que têm crianças. A seguinte postagem obteve 2.865 curtidas, 2.045 mil compartilhamentos e 456 comentários, sendo 400 a favor e 46 contra esse tipo de

³ A Linha do tempo é uma maneira de visualizar a lista de eventos em ordem cronológica postadas por um(a) usuário(a) no próprio facebook.

formação familiar. É importante destacar que dentre os votos a favor da formação de família por pessoas do mesmo sexo a maioria são vindos de mulheres, revelando uma possível aceitação maior entre esse gênero. Dentre este quadro e diante uma foto de uma página pública no facebook que postou uma defesa da formação de famílias por pessoas do mesmo sexo encontramos um comentário que dizia o seguinte:

Foto 1: Comentário do usuário H1 sobre a constituição de família por pessoas do mesmo sexo.



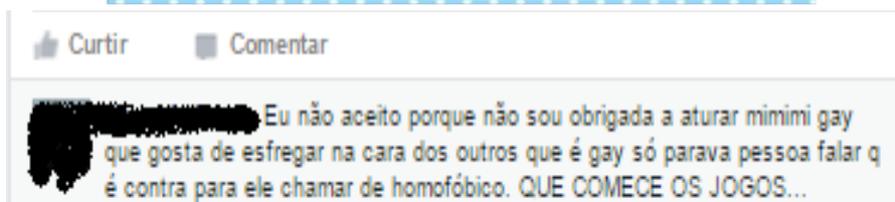
Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Como se pode perceber, a pessoa parece está indignada com o tratamento que a página dá aos Gays, apontado que a categoria é privilegiada e que estamos vivendo a “ditadura gay”, pois para a pessoa comentadora apenas eles têm “direitos”, além do mais o comentário tem 289 curtidas de pessoas que parecem concordar com a opinião, e as 80 respostas também estão de acordo. Como podemos perceber a “suposta” indignação da pessoa usuária é pelo fato dos gays terem espaço na página e por considerar tratar de formação de família por casais gays uma ofensa, pois de acordo com esta pessoa os cristãos são ofendidos diariamente e questionam o direito de liberdade de expressão.

Comentários como estes são comuns nas redes sociais. Este, por exemplo, teve um número considerável de curtidas, o que significa dizer que o seu conteúdo expressa o sentimento de várias pessoas. Diante deste cenário a escola pode transformar-se num palco para esta discussão, os profissionais da educação podem abordar esta temática e discutir com os alunos e alunas se realmente vivemos uma ditadura gay ou se hoje as pessoas, independente do sexo e da orientação sexual, estão tendo a oportunidade de falar e lutar sobre seus direitos, levando-as a uma possível segurança após anos de discriminação e preconceito.

Muitas pessoas usam as redes sociais de forma irresponsável com o intuito de promover discussões infundadas apenas para ver “o circo pegar fogo”, como é o caso da postagem a seguir, onde a usuária comenta uma publicação apenas no intuito de ver o “jogo” começar, ou seja, de ver as pessoas discutindo contra e a favor da sua opinião. As discussões de temáticas são essenciais na aprendizagem, entretanto elas devem ser usadas de forma responsáveis e cabe à escola conscientizar sobre esse papel.

Foto 2 - Comentário da usuária M1 em que comenta uma postagem sobre aceitar ou não as famílias formadas por pessoas de orientação sexual diferenciadas.



Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Esta usuária comentou uma foto sobre a união de pessoas do mesmo sexo, segundo ela os gays costumam expor sua relação e depois passam a culpar os outros de homofóbicos⁴, entretanto o que nos parece é que ela ao invés de esta tentando defender seu ponto de vista está querendo promover uma discussão e induzir as pessoas a comentarem sua postagem, pois a mesma finaliza “que comece os jogos”. Esse tipo de atitude é comum, muitas pessoas fazem questão de comentar apenas para causar polêmica que muitas vezes acabam em grandes brigas nas redes sociais. Muitos casos, inclusive, vão parar na delegacia, como foi o das postagens feitas durante a 19ª Parada do Orgulho em 2015⁵.

O tema sobre a homofobia é recorrente em nossa sociedade, de acordo com dados Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), disponibilizados no censo 2010 há 60.000 casais homoafetivos vivendo juntos. Entretanto, diante este dado o que nos chama a atenção é o número de mortes motivadas pela homofobia, de acordo com a organização Grupo gay da Bahia - GGB, por exemplo, em seu relatório anual de assassinatos de homossexuais no Brasil relativo a 2014, foram documentados 326 mortes de gays, travestis e lésbicas no Brasil, incluindo 9 suicídios. Isto significa um assassinato a cada 27 horas. Um aumento de 4,1 % em relação ao ano anterior (2013). É um dado alarmante e professores e professoras devem estar atentos a

⁴ Termo usado para se referir a pessoas que sentem desprezo e ódio de pessoas com opção sexual diferente da heterossexual.

⁵ Na parada gay 2015 a atriz e transexual Viviany Belebony desfilou crucificada na avenida de São Paulo, por este fato ela foi vítima de inúmeras ofensas no facebook e o caso foi parar na justiça. Belebony, de 26 anos, é transexual, espírita e chocou parte dos participantes da 19ª Parada do Orgulho LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). Ela se prendeu à cruz, encenando o sofrimento de Jesus, para “representar a agressão e a dor que a comunidade LGBT tem passado”. “Nunca tive a intenção de atacar a igreja. A ideia era, mesmo, protestar contra a homofobia”, explicou. Ela abriu sete processos na justiça por danos morais a indenização chega a quase 800 mil reais. Mais informações acessar: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/07/transexual-crucificada-na-parada-gay-abre-oito-processos-na-justica.html>> .



isto, trabalhando a temática na sala de aula, inclusive analisando postagens como a da foto 2 junto com seus alunos e alunas, além dos dados apresentados, para tentar sensibilizar os(as) jovens a não se envolverem em práticas que motivem a homofobia, seja nas redes sociais, seja na escola, na rua, em casa, na sociedade, enfim na vida.

Foto 3 - Comentário a usuária M3 sobre a definição de família



Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Nesta postagem vemos uma mulher preconceituosa que se fundamenta na religião para atacar às pessoas de opção sexual diferenciada, de acordo com a lei de intolerância religiosa, a religião e a crença de um ser humano não devem constituir barreiras a fraternais e melhores relações humanas, entretanto não é isto que acontece, na maioria dos casos os preconceitos direcionados a comunidade de opção sexual diferencia são fundamentados na religião, e estes pensamentos cada vez mais envolvem os jovens que acabam reproduzindo estes discursos, como é o caso desta comentadora que aparenta ter entre 20 e 25 anos e faz referencia a passagem bíblica de criação do mundo, alegando que Deus criou um homem e uma mulher, não dois homens, este tipo de comentário é doloroso e agressivo e acaba gerando muita polêmica sobre o tema.

3.2 Quando a desinformação gera preconceito: a criação de filhos e filhas por casais homoafetivos

Durantes a pesquisa para a construção deste artigo o facebook apresentava diversas postagens de usuário(a)s contra e a favor da formação de famílias por pessoas de opção sexual diferenciada, pois foi



coincidentemente no período em que o congresso Nacional aprovou o projeto de lei sobre o Estatuto da Família (PL 6583/13), já apresentada no referencial teórico, entre as diversas postagens que tive acesso os comentários a seguir chamaram atenção.

Foto 4 - Comentário do usuário H2 sobre a foto que defende a adoção de crianças por casais do mesmo sexo e a formação de famílias.



Se os heteros parar de reproduzir, como os homossexuais vão continuar sua espécie? Como vão adotar? E mais, normalmente quem "joga fora" não é o casal, e sim um dos lado por falta de apoio do outro, que simplesmente só quer farrear e não hora de assumir não são homem ou mulher de verdade, e ja vi casos de homossexuais "adotarem" fazendo papel de boas pessoas para estuprarem, judiar do msm

Fonte: Dados da pesquisa 2015.

Na foto 4 percebemos um comentário agressivo aos homossexuais, que de acordo com o comentador são “uma espécie”, isto é, deixa de ser humano. Ele questiona o fato da reprodução humana e da impossibilidade de isso ocorrer entre casais homoafetivos. O interessante neste comentário é que a postagem foi referente à adoção de crianças por casais formados por pessoas do mesmo sexo, e subjetivamente afirma que crianças criadas por homossexuais tendem a se transformar em homossexuais também, pois questiona como eles (os homossexuais) vão continuar a sua espécie sem a reprodução humana possível apenas entre heterossexuais induzindo que chegará um momento em que não haverá crianças para que possam adotar. Esse usuário aparenta ter entre 30 e 40 anos, o que significa dizer que é uma pessoa experiente.

Em resposta a este comentário agressivo, trazemos dados de pesquisas que já mostram que a adoção por casais do mesmo sexo não torna a criança lésbica, gay, transexual, bissexual, enfim, que possa determinar a orientação sexual da pessoa adotada. Não é a criação por pais ou mães, mas os desejos e as experiências que ela ou ele deseje sentir na sua vida adulta e sexual que poderá definir a orientação sexual de uma pessoa. E também a adoção por casais gays ou lésbicas não são prejudiciais na formação moral, ética ou emocional da criança. De acordo com França (2014, p. 28)

Diversas pesquisas americanas mostram que crianças que pertencem a famílias homoafetivas desenvolvem mecanismos para lidar com o fato de terem dois pais ou duas mães e que têm um bom ajustamento à situação. A Associação Americana de Psicologia concluiu, após analisar inúmeras pesquisas, que não há um único estudo que tenha constatado que as crianças de pais homossexuais - gays e lésbicas – tenham qualquer prejuízo significativo em relação a crianças de pais heterossexuais.

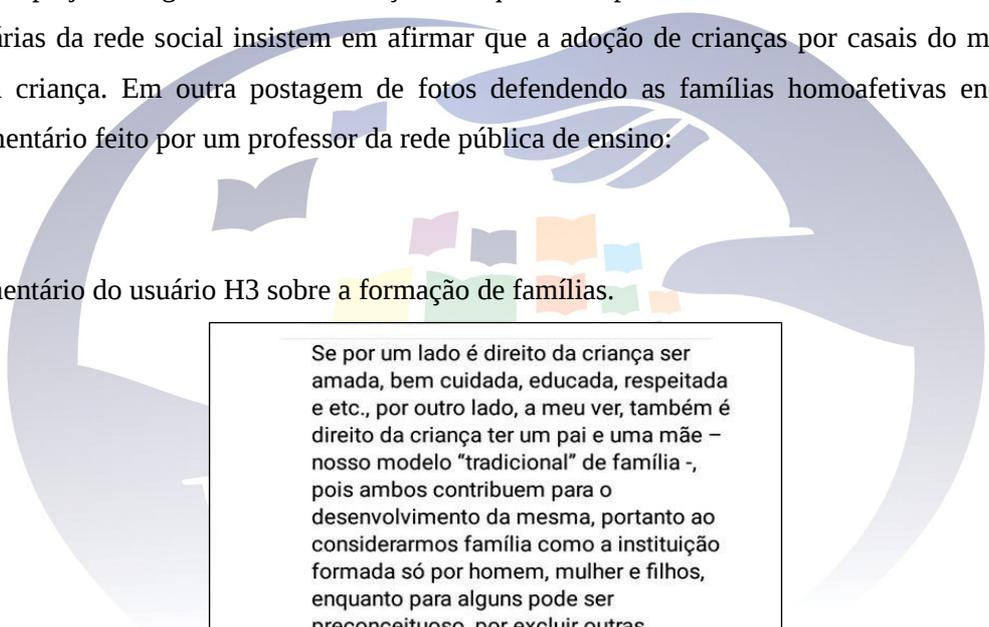


Como podemos ver, então, que o fato de a criança ser criada por casais do mesmo sexo não prejudica em nada a sua formação. Ainda de acordo com pesquisa:

Podemos afirmar que os papéis materno e paterno, de fato importantes para um bom desenvolvimento psicossocial da criança, não estão mais diretamente associados à figura da mulher ou do homem, nem mesmo nos casais heterossexuais atuais. Desempenha melhor a função materna e a paterna o progenitor que mais se identifica com as tarefas associadas a estes papéis, seja homem ou mulher (França, 2014, p. 28).

Portanto, de acordo com a autora independente do sexo biológico o papel de mãe ou pai para a criança é desempenhado por aquele ou aquela que melhor se identifique com o papel, em que um homem pode ser excelente mãe ou uma mulher ser excelente pai. Portanto a criança criada por casais do mesmo sexo, não tem prejuízo algum na sua formação, no que corresponde a este fator. Mesmo assim inúmeras pessoas usuárias da rede social insistem em afirmar que a adoção de crianças por casais do mesmo sexo é prejudicial à criança. Em outra postagem de fotos defendendo as famílias homoafetivas encontramos o seguinte comentário feito por um professor da rede pública de ensino:

Foto 5- Comentário do usuário H3 sobre a formação de famílias.



Se por um lado é direito da criança ser amada, bem cuidada, educada, respeitada e etc., por outro lado, a meu ver, também é direito da criança ter um pai e uma mãe – nosso modelo “tradicional” de família -, pois ambos contribuem para o desenvolvimento da mesma, portanto ao considerarmos família como a instituição formada só por homem, mulher e filhos, enquanto para alguns pode ser preconceituoso, por excluir outras “possibilidades de família”, não devemos esquecer que, já que o “objetivo de uma família” é o perfeito desenvolvimento da criança, esta necessita da presença de ambos os sexos para seu desenvolvimento pleno.

Fonte: Dados da pesquisa 2015.

O educador afirma que a criança precisa da presença de ambos os sexos para o seu desenvolvimento, entretanto como já mostrado por França 2014, isto não é um fato real, pois se assim fosse o que seria das crianças que o pai ou a mãe o(a) cria sozinho(a)? Ou quem é criado(a) por um parente como uma avó, um avô, um tio ou uma tia? Ricketts e Achtenberg (1989) comprovaram que a saúde mental e a felicidade individual dependem da dinâmica da família e não da forma como está estruturada.

De acordo com Patterson (1997 *apud* França 2014, p. 29):

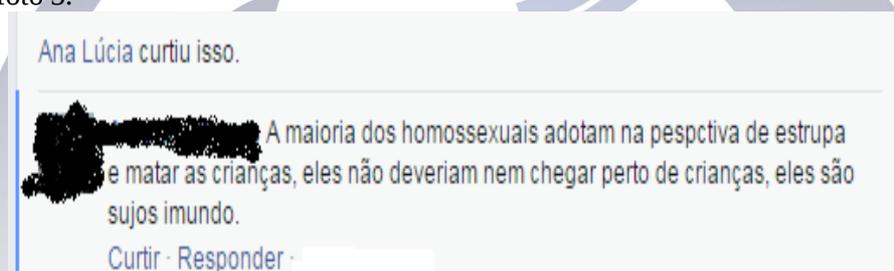




A influência de pais e mães homossexuais sobre a identidade sexual, o desenvolvimento pessoal e o relacionamento de crianças adotivas e biológicas; seus resultados mostram que tanto o nível de ajustamento da função materna quanto a autoestima e o desenvolvimento social e pessoal dessas crianças são compatíveis com o de crianças criadas por casais heterossexuais; demonstrou também que pais do mesmo sexo são potencialmente tão afetivos quanto pais heterossexuais.

Entretanto, apesar de todas essas pesquisas mostrarem que crianças criadas por casais formados por pessoas do mesmo sexo não sofrem nenhuma influência psicológica prejudicial à sua formação, existe na cabeça de inúmeras pessoas um preconceito em volta das famílias homoafetivas herdado da época que a homoafetividade era considerada doença, pois segundo França (2014, p. 29) essas pessoas preconceituosas “afirmam que pais ou mães homossexuais teriam uma intenção perversa ou obscura por trás do seu desejo de adotar uma criança”. Lendo as postagens na rede social achamos o seguinte comentário que corresponde a esta temática:

Foto 6 - Comentário da usuária M2 sobre adoção de crianças por casais homossexuais na mesma figura apresentada na foto 3.



Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

De acordo com a comentadora e o debate que estava na rede social, os homossexuais adotam fingindo-se de boas pessoas para prejudicarem a criança. De fato isto pode ocorrer, mas não é uma regra, assim como pode ocorrer com famílias formadas por pessoas de sexo opostos, pois de acordo com Coates e Zucker (1998) o percentual de crianças abusadas física e sexualmente por seus pais é o mesmo tanto em famílias heteronormativas quanto em famílias homoafetivas. Portanto, não cabe julgar que por ser uma família formada por pessoas do mesmo sexo irá necessariamente fazer mal a criança, pois fazer bem ou mal parte da índole e do caráter de cada pessoa e não da sua sexualidade ou formação familiar. Além disso, o processo de adoção é realizado de forma segura, onde as famílias são submetidas a uma série de entrevistas e regulamentos a fim de comprovarem que estão aptas a receber aquela criança e garantir um ambiente seguro e sadio.

O preocupante é que afirmações como esta, que sugere que crianças adotadas por casais homoafetivos são prejudicadas, partem, muitas vezes, de educadore(a)s, que deveriam ajudar a desconstruir estas informações preconceituosas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar do tema - diversos tipos e formações de famílias interligando com as redes sociais as possibilidades de recursos pedagógicos - foi uma tentativa de contribuir com a diminuição do desconhecimento e do preconceito. Os temas abordados nas redes sociais sempre repercutem bastante, tanto na internet como no convívio social, por isso é de extrema importância o(a) educador(a) saber como lidar com essas temáticas, ajudando os aluno(a)s vítimas ou não de ofensas a serem cidadãos e cidadãs crítico(a)s e conscientes de seus direitos e deveres, vivendo com equidade de gênero.

Tudo que é feito na internet deixa rastros, mesmo que se usem perfis falsos a polícia consegue chegar até o possível agressor, portanto deve-se ter cuidado com o que se posta ou se discutir em suas redes sociais. Diariamente vemos em jornais e revistas notícias sobre crimes motivados na internet, por este motivo percebe-se a responsabilidade que temos enquanto docentes em orientar nosso(a)s aluno(a)s a agirem de forma correta no meio digital além de conhecer, usar e ensinar sobre as políticas de segurança e privacidade das redes, o que deve ser conteúdo curricular transversal.

Nas postagens e comentários selecionados para o desenvolvimento deste trabalho, percebemos que mesmo que restritas, as informações neles contidas são imensas e a possibilidade de discussão gigantesca, temos a possibilidade de discutir homofobia, lesbofobia, discursos de ódio, intolerância religiosa, desrespeito com as famílias formadas por pessoas do mesmo sexo, adoção de crianças por casais de opção sexuais diferenciadas, enfim uma gama de conteúdo que pode ser utilizado e desmistificado em sala de aula com o intuito de formar pessoas mais tolerantes. Infelizmente as redes sociais e a internet como um todo são pouco discutidas nas escolas, mas tem urgência de serem inseridas, até mesmo porque é assunto principal da maioria do(a)s estudantes e não podem ser ignoradas e/ou tidas como a vilãs das aulas, pelo contrário podem ser aliadas para o debate, discussão e formação do(a)s estudantes.

De acordo com os comentários selecionados algumas pessoas ainda veem a adoção de crianças por casais gays como uma coisa negativa, alguns até ligam isto a atos obscenos, o que é triste e preocupante. A maioria dos comentários selecionados nesta pesquisa induzem a incitação ao ódio contra casais formados por pessoas do mesmo sexo e percebemos também que os sites de rede social possui uma grande influência na opinião das pessoas e a maioria das postagens acabam atingindo um alto índice de curtidas, compartilhamentos e comentários, e quando se trata do tema abordado nesta pesquisa a maioria dos comentários ainda são contra a formação de famílias por pessoas do mesmo sexo, mesmo que cada vez mais essas famílias venham ganhado espaço e direitos na nossa sociedade, ainda tem gente contra que acaba desrespeitando e até agredindo verbalmente em seus comentários.



Vimos em todos os comentários selecionados atitudes de preconceito, inclusive de educadores, o que é ainda mais preocupante, por isso que cursos como o de Gênero e Diversidade na escola é tão importante na formação continuada de docentes, pois se pretende que saiam profissionais capazes de desmistificar declarações como estas e de ajudar os(as) educandos(as) com práticas pedagógicas, que utilizem do debate, da discussão em sala, da conscientização sobre as leis, sobre os direitos e deveres de tod(a)os, sobre a intolerância religiosa, sobre o processo de adoção de crianças por heteros e pessoas de opção sexual diferenciadas, sobre as estatística de homofobia, adoção, preconceito entre outros, através de vídeos, de rodas de debate, de pesquisas, aulas dialogadas contribuindo para a construção de uma sociedade mais conscientes de que somos todos iguais, merecemos os mesmos direitos e temos os mesmos deveres.

5 REFERÊNCIAS

5ª Legislatura - **1ª Sessão Legislativa Ordinária Palácio do Congresso Nacional** - Praça dos Três Poderes - Brasília - DF - CEP 70160-900 CNPJ 00.530.352/0001-59. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITO-E-JUSTICA/487435-PARA-PROMOTOR,-CONGRESSO-DEVE-DEFINIR-CONCEITO-DE-FAMILIA,-E-NAO-A-JUSTICA.html>> Acesso em 21 de novembro de 2015, as 15:09h.

BEZERRA, Júlio César Cavalcante; BRITO, Sydneia de Oliveira (2015). **Redes Sociais como ferramenta pedagógica: O caso do projeto e-Jovem**. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2013/cd/277.pdf>> Acessado em 19 de setembro de 2015,16:00h.

BRASIL. lei 12.737 de 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm> Acessado em: 11 de outubro de 2015, às 22h09min.

CAMUS, Cassiano Souza; URBANO, Bruna Caroline (2015). Redes sociais: um novo meio de prova? **Revista da Jornada de Iniciação Científica e de Extensão Universitária do Curso de Direito das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba**. ISSN 2357-867X. V1, nº 1. Disponível em: <<http://www.santacruz.br/ojs/index.php/JICEX/article/view/243>> Acessado em 19 de setembro de 2015, às 14h30min.

COATES, S e ZUCKER, K.J. Gender identity disorders in children. In: KESTENBAUM C. J., WILLIAMS D. T. (eds.) **Handbook of clinical assessment of children and adolescents**. NYU Press, 1998.

Folha de São Paulo <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/01/1581963-facebook-supera-estimativa-de-receita-de-analistas-usuarios-ja-sao-14-bi.shtml>> Acessado em 27 de setembro de 2015, às 13h14min.

FRANÇA, Maria Regina Castanho. Famílias homoafetivas. **Revista brasileira de psicodrama**. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicodrama/v17n1/a03.pdf>> Acessado em: 16 de outubro de 2015, às 09h02min.

GGB- Grupo Gay da Bahia. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2015/01/relatc3b3rio-2014s.pdf>> Acessado em: 12 de outubro de 2015, às 13h14min.



HARDAGH, Claudia Coelho (2009). **Redes Sociais Virtuais**: Uma proposta de escola expandida. 157 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Católica de São Paulo, 2009. Disponível <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=9578> Acessado em 24 de setembro de 2015, às 12:00h.

HINTZ , Helena Centeno (2001). **Novos tempos, novas famílias?** Da modernidade à pós-modernidade. Disponível em: <http://www.susepe.rs.gov.br/upload/1363010551_hintz_novos_tempos,_novas_fam%C3%ADlias_-_complementar_8_abril.pdf> Acessado em: 19 de setembro de 2015, às 17h28min.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acessado em 12 de outubro de 2015, às 13h03min.

MINAYO, M. C., Sanches O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública** 9(3): 239-262, 1993.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2007.

RICKETTS, ACHTENBERG (1989). In: WEBER, Lídia Natalia Dobriansky. **Pais e filhos por adoção no Brasil**: características, expectativas e sentimentos. Curitiba: Juruá, 2002.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

